



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

OS CAMINHOS DO RÁDIO¹

Prof. Dr. Antonio Adami¹

Filomena Saleme²

INTRODUÇÃO

Esta comunicação para o XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação foi elaborada considerando o programa “Os Caminhos do Rádio”, da Rádio Eldorado de São Paulo, que comemorou os 80 anos do veículo. Escrevemos então este artigo priorizando o tema central do congresso: a “Comunicação para a cidadania”. Além de ser um exercício criativo de metalinguagem, o programa da Rádio Eldorado soube articular e relacionar o papel do rádio historicamente, ou seja, que participa e interfere em decisivas questões políticas, sociais e econômicas porque passa e passou a sociedade brasileira. O documentário trouxe discussões importantes e atuais sobre o veículo e sua função, enfatizando o Estado de Direito e a construção da cidadania neste país.

RELAÇÕES COM O PODER

O programa da rádio Eldorado de São Paulo, do grupo Estado, foi ao ar de 18 a 23 de março de 2002, explorando o gênero documental, com reportagens especiais. O Diretor de Jornalismo da rádio é o jornalista Ederaldo Costa e a reportagem foi de Filomena Saleme. O tempo do programa foi de 2,5 minutos em uma edição diária, portanto foi veiculado em formato de “drops” ou “programetes” e dividido em capítulos, assim:

¹ Doutor pela Universidade de São Paulo com a Tese: "As Adaptações Literárias para o Cinema e a Televisão", defendida em 1994. Diretor do projeto "Personagem Procura Radioator" da Rádio Cultura FM de São Paulo - 103,3 MHz., vencedor do prêmio APCA 2001. Coordenador do Mestrado em Comunicação da Universidade Paulista
Endereço: antonioadami@uol.com.br

² Jornalista da Rádio Eldorado de São Paulo. Participou do programa “Os Caminhos do Rádio”.
1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



- 1º) O rádio e a “Guerra dos Mundos”
- 2º) O uso político do rádio
- 3º) As ondas curtas e o sistema analógico e digital
- 4º) O uso religioso resultando em uso político do rádio
- 5º) O poder das Oligarquias

Algumas questões importantes sobre o rádio surgiram durante os cinco capítulos do programa, entre elas a porcentagem de concessões de rádios comerciais que estão nas mãos da igreja católica e de evangélicos, 80%. Apenas 20% das emissoras brasileiras são comerciais e, o número de emissoras não é pequeno. Se para as igrejas o rádio é uma ferramenta indispensável, para os políticos é uma verdadeira moeda de troca e, as concessões de emissoras foram atreladas a barganhas políticas. Nossa história mostra que todos os grandes clãs do Brasil são proprietários de veículos de comunicação: Família Collor de Mello, Sarney, Magalhães e Barbalho. A barbárie é tamanha que, quando era Presidente da República, José Sarney loteou 1200 rádios para políticos, presenteando inclusive, a própria família com 14 emissoras. O poder adquirido a partir da distribuição das rádios por todo o território nacional é no mínimo estonteante, daí, por exemplo, a proporção de aumento da bancada evangélica em todas as esferas de governo ou então os grupos de domínio em determinados Estados e que acabam sendo eleitos para a esfera federal para se auto-representarem.

Portanto são extremamente perigosos e danosos para a construção da cidadania a não democratização da informação, a forma e os critérios utilizados neste “lava mão” no Brasil. A tabela abaixo demonstra o número de emissoras em OM, FM, OT, OC , com a intenção de não apenas ilustrar e informar em números, mas também chamar a atenção do poder que se pode ter quando do comando do veículo:



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

RADIODIFUSÃO MÊS: FEVEREIRO/2002

UF	FREQUENCIA MODULADA - FM				
	CANAIS				EM ANÁLISE NO LEGISLATIVO
	OUTORGAS Até Dez/2001	OUTORGAS EM 2002	EM TRAMIT	VAGOS	
ACRE	7		6	18	2
ALAGOAS	21		1	98	3
AMAZONAS	16		4	65	2
AMAPÁ	9		3	20	0
BAHIA	92	2	9	398	10
CEARÁ	33		8	190	11
DISTRITO FEDERAL	18		2	4	4
ESPÍRITO SANTO	35		6	60	14
GOIÁS	45		7	224	20
MARANHÃO	26		4	213	4
MINAS GERAIS	215	6	31	838	37
MATO GROSSO DO SUL	28		3	78	5
MATO GROSSO	21		3	120	10
PARÁ	31		6	155	9
PARAÍBA	30		3	214	5
PERNAMBUCO	50	2	2	167	6
PIAUÍ	18		3	223	1
PARANÁ	109	1	6	364	9
RIO DE JANEIRO	70		4	68	3
RIO G. DO NORTE	15		4	155	5
RONDÔNIA	19		3	49	3
RORAIMA	2		2	15	1
RIO GRANDE DO SUL	154	1	3	363	10
SANTA CATARINA	74		4	274	9
SERGIPE	18		0	71	0

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SÃO PAULO	283		28	523	19
TOCANTINS	10		2	141	1
BRASIL	1431	12	157	5108	203

RADIODIFUSÃO MÊS: FEVEREIRO/2002

UF	ONDAS TROPICAIS - OT				
	FREQUENCIAS				EM ANÁLISE NO LEGISLATIVO
	OUTORGAS Até Dez/2001	OUTORGAS EM 2002	EM TRAMIT	VAGOS	
ACRE	5	0	0	11	0
ALAGOAS	0	0	0	9	0
AMAZONAS	9	0	1	28	0
AMAPÁ	2	0	0	8	0
BAHIA	1	0	0	59	0
CEARÁ	0	0	0	37	0
DISTRITO FEDERAL	0	0	0	0	0
ESPÍRITO SANTO	1	0	0	16	0
GOIÁS	4	0	0	44	0
MARANHÃO	3	0	0	31	0
MINAS GERAIS	5	0	0	59	0
MATO GROSSO DO SUL	5	0	0	17	0
MATO GROSSO	5	0	0	9	0
PARÁ	8	0	0	34	0
PARAÍBA	0	0	0	11	0
PERNAMBUCO	1	0	0	26	0
PIAUÍ	1	0	0	12	0
PARANÁ	2	0	0	17	0
RIO DE JANEIRO	3	0	0	26	0
RIO G. DO NORTE	0	0	0	10	0
RONDÔNIA	4	0	1	3	0
RORAIMA	1	0	0	4	0
RIO GRANDE DO SUL	0	0	0	0	0
SANTA CATARINA	0	0	0	0	0

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

SERGIPE	0	0	0	8	0
SÃO PAULO	15	0	0	60	0
TOCANTINS	1	0	0	5	0
BRASIL	76	0	2	544	0

RADIODIFUSÃO MÊS: FEVEREIRO/2002

UF	ONDAS MÉDIAS - OM				
	FREQUENCIAS				EM ANÁLISE NO LEGISLATIVO
	OUTORGAS Até Dez/2001	OUTORGAS EM 2002	EM TRAMIT	VAGOS	
ACRE	6	2	1	2	5
ALAGOAS	16	0	2	2	0
AMAZONAS	24	0	4	39	0
AMAPÁ	5	0	2	3	0
BAHIA	92	0	13	32	4
CEARÁ	83	0	3	37	1
DISTRITO FEDERAL	8	1	1	0	1
ESPÍRITO SANTO	19	0	1	16	3
GOIÁS	54	0	1	25	1
MARANHÃO	39	1	4	19	2
MINAS GERAIS	174	1	3	74	2
MATO GROSSO DO SUL	42	0	2	15	3
MATO GROSSO	40	0	1	31	4
PARÁ	31	1	2	37	2
PARAÍBA	33	1	1	3	1
PERNAMBUCO	38	3	1	7	3
PIAUI	50	0	5	16	0
PARANÁ	165	2	0	18	6
RIO DE JANEIRO	59	0	0	9	0
RIO G. DO NORTE	31	0	1	0	2
RONDÔNIA	18	0	2	7	0
RORAIMA	3	0	1	3	0

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

RIO GRANDE DO SUL	179	0	1	32	1
SANTA CATARINA	101	0	1	17	3
SERGIPE	13	0	0	3	0
SÃO PAULO	264	1	3	42	2
TOCANTINS	10	0	1	14	2
BRASIL	1597	13	57	503	48

RADIODIFUSÃO MÊS: FEVEREIRO/2002

UF	ONDAS CURTAS - OC				
	FREQUENCIAS				EM ANÁLISE NO LEGISLATIVO
	OUTORGAS ATÉ DEZ/2001	OUTORGAS EM 2002	EM TRAMIT	VAGOS	
ACRE	0	0	0	0	0
ALAGOAS	0	0	0	0	0
AMAZONAS	2	0	0	0	0
AMAPÁ	0	0	0	0	0
BAHIA	2	0	0	2	0
CEARÁ	0	0	0	2	0
DISTRITO FEDERAL	1	0	0	2	0
ESPÍRITO SANTO	0	0	0	0	0
GOIÁS	3	0	0	0	0
MARANHÃO	1	0	0	0	0
MINAS GERAIS	3	0	1	0	0
MATO GROSSO DO SUL	0	0	0	0	0
MATO GROSSO	0	0	0	0	0
PARÁ	0	0	0	0	0
PARAÍBA	0	0	0	0	0
PERNAMBUCO	0	0	0	0	0
PIAUÍ	0	0	0	0	0
PARANÁ	10	0	0	1	0
RIO DE JANEIRO	6	0	0	0	0
RIO G. DO NORTE	0	0	0	0	0
RONDÔNIA	0	0	0	0	0

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

RORAIMA	0	0	0	0	0
RIO GRANDE DO SUL	10	0	0	0	0
SANTA CATARINA	3	0	0	1	0
SERGIPE	0	0	0	0	0
SÃO PAULO	22	0	0	1	0
TOCANTINS	0	0	0	0	0
BRASIL	63	0	1	9	0

FONTE: Ministério das Comunicações

O programa da Rádio Eldorado de São Paulo demonstra de forma clara e, porque não, assustadora, o uso político do rádio. Segundo a professora Doris Fagundes Haussen da PUC do Rio Grande do sul, os governantes da segunda Guerra, atentos ao poder do veículo, o exploraram constantemente: Hitler na Alemanha, Mussolini na Itália, Roosevelt nos EUA, De Gaulle, na França, Perón, na Argentina, etc. No Brasil, o radialista César Ladeira se transformou no locutor oficial da revolução de 32. Encabeçadas pelas emissoras unidas, que tinham a rádio Record como principal, os paulistas eram chamados a participar do movimento, pelo rádio. Para o professor Eduardo Meditsch da UFSC, também na guerra fria ao invés de mísseis, eram disparadas armas de propaganda ideológica pelas grandes emissoras internacionais. Essas emissoras também bombardeavam, pelo menos até os anos 90, o território Cubano e ainda as emissoras soviéticas distribuíam sua programação por todo o território socialista.

O decênio de 30, no Brasil, foi importante para que o rádio se definisse em seus caminhos e encontrasse o seu rumo na fase seguinte: o populismo brasileiro se consolida na era Vargas em 1937. Getúlio elevou o número de emissoras para quarenta e duas em todo o país, investindo na organização da propaganda governamental junto à população. Essa política tinha raízes na utilização do rádio pelo nazismo. Foi na Alemanha, com Hitler, que se deu a utilização do rádio como principal instrumento de divulgação das idéias totalitárias com contornos perversos e perigosos a partir do uso político da comunicação radiofônica. A profa. Márcia Vidal (2000, p. 51-62) escreve:

1 Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



“Hitler soube captar bem que o advento do rádio significou um retorno às origens, apontando para uma regressão da comunicação política. Em primeiro lugar, o rádio constituiu um instrumento de repersonalização do poder. Ao restituir à palavra e à voz do dirigente toda a sua força, ele corria o risco de permitir o reaparecimento das mais diversas atitudes afetivas com relação ao poder. Para além do critério nacional, ele pode despertar sentimentos de atração ou repulsão, de simpatia ou antipatia. Através do contato direto – ainda que ilusório – que se estabelece entre o líder e o ouvinte. Em segundo lugar, correlativamente, o rádio pode ser o instrumento de uma certa eliminação de programas. Com efeito: o manifesto e o discurso impresso prestam-se a um exame racional e analítico, graças particularmente à possibilidade de uma releitura. Em contraposição a intervenção puramente oral está sujeita a oferecer um conteúdo mais pobre, e a dirigir-se mais à sensibilidade do ouvinte que à sua razão e a seu senso crítico, como Hitler bem percebeu ao utilizar o rádio, preferencialmente, para veicular suas idéias”.

Ainda sobre o rádio e o poder, mais especificamente sobre a utilização das ondas curtas, para a professora Sônia Virgínia Moreira, da UERJ, estas ondas ³ foram

³ **Rádio em ondas**

Radiodifusão é o serviço de telecomunicações que permite a transmissão de sons (radiodifusão sonora) ou a transmissão de sons e imagens (televisão), destinado ao recebimento direto e livre pelo público.
OC - Ondas Curtas - é a modulação em amplitude (AM), cuja portadora está compreendida na faixa de frequência de 5 950 kHz até 26 100 kHz.

A outorga para execução dos serviços de Radiodifusão OC, será precedido de um processo licitatório, observadas as disposições legais e regulamentares.

OM - Ondas Médias - é a modulação em amplitude (AM), cuja portadora está compreendida na faixa de frequência de 535 kHz até 1 650 kHz.

¹ Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

utilizadas nos anos 70 e parte dos anos 80 pelo regime militar, servindo para um projeto político dando uma forma para a política de segurança nacional, ou seja, era necessário defender as fronteiras, no caso “invisíveis”, pois por ondas curtas chegavam programas feitos em outros países e que chegavam ao Brasil. Segundo Ethevaldo Siqueira, colaborador da Rádio Eldorado e jornalista de OESP da mesma maneira, a partir de 1935, tivemos implantada obrigatoriamente A Voz do Brasil, em ondas curtas e médias, também servindo aos interesses da ditadura Vargas. Percebemos então que o rádio tem seu espaço muito bem definido como poderoso veículo de comunicação junto à sociedade. O rádio nunca esteve, aliás,

OT - Ondas Tropicais - é a modulação em amplitude (AM), cuja portadora está compreendida na faixa de frequência de 3 200 kHz até 5 060 kHz.

FM - Modulação em Frequência - é o tipo de modulação que modifica a frequência da onda portadora.

Educativa - é a estação radiodifusora que realiza transmissão sem fins comerciais, sendo vedada inserção de publicidade.

RÁDIO COMUNITÁRIA é um tipo especial de emissora de rádio FM, de alcance limitado a, no máximo, 1 km a partir de sua antena transmissora, criada para proporcionar informação, cultura, entretenimento e lazer a pequenas comunidades.

Trata-se de uma pequena estação de rádio, que dará condições à comunidade de ter um canal de comunicação inteiramente dedicado a ela, abrindo oportunidade para divulgação de suas idéias, manifestações culturais, tradições e hábitos sociais.

A RÁDIO COMUNITÁRIA deve divulgar a cultura, o convívio social e eventos locais; noticiar os acontecimentos comunitários e de utilidade pública; promover atividades educacionais e outras para a melhoria das condições de vida da população.

Uma RÁDIO COMUNITÁRIA não pode ter fins lucrativos nem vínculos de qualquer tipo, tais como: partidos políticos, instituições religiosas etc.

A programação diária de uma RÁDIO COMUNITÁRIA deve conter informação, lazer, manifestações culturais, artísticas, folclóricas e tudo aquilo que possa contribuir para o desenvolvimento da comunidade, sem discriminação de raça, religião, sexo, convicções político-partidárias e condições sociais.

Deve respeitar sempre os valores éticos e sociais da pessoa e da família e dar oportunidade à manifestação das diferentes opiniões sobre o mesmo assunto.

É proibido a uma RÁDIO COMUNITÁRIA utilizar a programação de qualquer outra emissora simultaneamente, a não ser quando houver expressa determinação do Governo Federal.

Não pode, em hipótese alguma, inserir propaganda comercial, a não ser sob a forma de apoio cultural, de estabelecimentos localizados na sua área de cobertura.



ção em evidência para diferentes intenções, mas, sem dúvida, como um aliado à manutenção do poder e que, se não utilizado em prol da cidadania, tende a ser uma arma perigosa e estratégica para aqueles que interessam manter a ignorância. Tentamos com este artigo, portanto, demonstrar um pouco mais sobre o intrincado jogo dos veículos de comunicação e poder no Brasil que, como vimos é uma fórmula antiga. A cidadania a serviço dos interesses de grandes grupos e religiões via rádio, com apoio do governo.

REPORTAGENS ESPECIAIS E DOCUMENTÁRIOS NO RÁDIO

Ao escrevermos sobre o assunto com abordagens sobre os gêneros de produção, nos surge um questionamento sobre o veículo: o que é mensagem e como elaborá-la nos utilizando

da linguagem radiofônica? Para Armand Balsebre (2000, p.18) a comunicação só é possível quando o repertório de elementos do veículo seja conhecido tanto pelo emissor como pelo receptor. Os ouvintes aprendem a ler as mensagens pela reiteração do hábito rotineiro de consumir programas. Os ouvintes aprendem a ler a mensagem, se familiarizam com o repertório de signos que constrói a mensagem e a decodificam mas ignoram a produção, principalmente a tecnologia utilizada.

A definição do conceito de mensagem só pode ser entendida se ligada a um contexto comunicativo, ou seja uma mensagem é alguém interpretando uma mensagem. Sem a interação emissor-receptor, sem a mediação de um processo de percepção, a produção de mensagens não tem sentido. A definição de mensagem deve considerar também a integração da forma e o conteúdo ou, para a teoria da comunicação, a integração do semântico e o estético.

Para entender um pouco mais sobre as mensagens e a linguagem radiofônica observamos os gêneros de produção e, na prática, percebemos que são muitos os programas especiais de rádio em diferentes gêneros. Entretanto é pouquíssima a



produção com qualidade, veiculada. O radiodrama, por exemplo, poderia ocupar um espaço mais amplo e definitivo no rádio, ao contrário, só é veiculado como “programas especiais”; reportagens especiais e documentários, são também gêneros que têm grande público e são extremamente importantes para uma maior reflexão sobre determinado tema, mas temos pouquíssima produção, uma porcentagem ínfima dentro da grade de programação das emissoras. Acreditamos que o fato se deva, entre outros, à dificuldade de produzir trabalhos mais sofisticados que demandam mais tempo, então prioriza-se o menor trabalho, e, muitas vezes compromete a qualidade, o que ocorre aliás em outros veículos, como a TV aberta. Além disso, há uma outra pergunta que surge, se há ou não um compromisso das rádios com a cidadania e, de que forma isto é representado na programação. Nesse sentido e, analisando o programa “Os Caminhos do rádio”, acreditamos que trabalhos deste nível contribuem para a democracia e para a evolução do próprio veículo, tão mal explorado, apesar de sua agilidade, credibilidade e poder de projeção sob o ouvinte - o que ocorre exatamente pelo seu imediatismo - as produções carecem de maior cuidado e os profissionais de melhor entendimento da própria linguagem radiofônica.

Vamos a seguir, fazer uma breve definição das reportagens especiais e documentários no rádio, inclusive porque o trabalho realizado pela rádio Eldorado foi muito oportuno tanto pelas informações ali contidas como também a utilização das técnicas e normas específicas de produção deste gênero.

Segundo Paul Chantler e Sim Harris (1998, p. 164-167) as reportagens especiais dão a oportunidade de contar uma história com maior profundidade e o documentário de rádio deve ter uma forma própria e uma história para contar. O produtor deve saber se haverá uma conclusão final da história para ser atingida ou se o que se quer mostrar é apenas uma série de imagens sonoras individualizadas, que ganham importância quando colocadas juntas, num mesmo trecho gravado. Na verdade, as palavras das outras pessoas causam mais impacto do que as do



apresentador, além do que a utilização de trilhas e sons, funcionam às vezes como condutor da história narrada. Muitas vezes a trilha é que conduz o texto a um forte apelo dramático, daí a força deste gênero peculiar de produção radiofônica. Aliás, sobre o poder de projeção do rádio, Miguel Ángel Ortiz e Federico Volpini (1995, p. 27) escrevem:

Habría que abordar um programa de radio como si fuera um viaje a um país desconocido. Como uma expedição por uma geografia ignota y sugerente, em la que participan dos equipos,⁴ coordinados com vistas a um objetivo único, pero empeñados em misiones, tareas, cometidos distintos y específicos para cada uno de ellos.

Unos y otros se guían por un solo sistema de señales – código de instrucciones- y avanzan por un mismo territorio, pero no en soledad: se les vigila. Como el ojo de Dios, se cierne sobre ellos la oreja omnipotente que tiene potestad de darles vida o arrebatárselos, con un sencillo gesto, la existencia: los oyentes. Son el destinatario último del periplo: ellos lo justifican. Sin embargo...

Todo processo de produção é um trabalho que exige, entre outras coisas, conhecimento do assunto e a utilização das técnicas e tecnologias disponíveis para a produção. O documentário, também é um processo árduo que pode ser realizado por uma equipe ou apenas uma pessoa. Se quisermos fazer um documentário de nível deveremos entrevistar algumas pessoas, editar o material e inserir estas sonoras à cabeça de apresentação. As sonoras é que darão muito mais crédito ao que está sendo discutido. No caso do documentário jornalístico, existe um tempo certo de veiculação -de 2 a 4 minutos- e, se for o caso, editar outros blocos em

⁴ Em realidad son cuatro, pero el Equipo de Producción y el Equipo de Redacción, en la emisión/grabación del programa, no intervienen sino formando parte del Equipo Técnico o del de Locución.

¹ Trabalho apresentado no NP06 – Núcleo de Pesquisa Mídia Sonora, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



outros horários sendo que, estes blocos, podem conter várias sonoras. Quando estas sonoras são acrescentadas ao texto de apresentação não deverão ser apenas a repetição do que o apresentador disse, ao contrário, deverão acrescentar novas informações.

A questão da investigação é sempre uma pedra no sapato das emissoras que querem alçar outros vôos que não aqueles já conhecidos, batidos e repetidos. Fazer um documentário radiofônico portanto, como demonstramos acima, é também investir na qualidade da radiodifusão pois muitas horas de trabalho serão dedicadas para a finalização de um trabalho, às vezes, de poucos minutos, mas é essa prática em busca da qualidade que poderá levar determinada rádio a um patamar maior de credibilidade e de retorno, em todos os sentidos. Mas além do uso “pequeno” do veículo pelas empresas de radiodifusão, também são ainda irrisórias as pesquisas sobre o veículo, o que nos leva a concluir que este é mais um motivo pelo qual as rádios carecem de programas com criatividade. Sobre o assunto escreve Maranhão Filho (1998, p. 111-112):

“A carência de investigações profundas na área da radiodifusão e, particularmente, no meio rádio, tem conduzido os raros estudos acadêmicos a sucessivas imprecisões e equívocos que se cristalizam. Há algumas causas que motivam esses desvios; o que se publicou até hoje sobre o rádio brasileiro foi feito assistematicamente. Sem desmerecer o valor intrínseco dos depoimentos dos primeiros executantes da radiofonia do país – Saint Clair Lopes, Renato Murce, Olavo de Barros – é necessário notar que o posicionamento unilateral do radialista, defensor do seu próprio padrão, impede que se faça, com isenção, a análise do momento vivido, em confronto com uma metodologia específica. Donde se deduz que o repetido hábito acadêmico de produzir textos sobre textos, tem



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**levado as novas gerações a reconduzir verdades que não
resistem ao menor cruzamento de informações...”**

Bibliografia Básica:

BALSEBRE, Armand. *El Lenguaje Radiofónico*. Madrid, Catedra, 2000

CHANTLER, Paul et HARRIS, Sim. *Radiojornalismo*. São Paulo, Summus editorial, 1998.

MARANHÃO FILHO, Luiz. *Rádio em Todas as Ondas*. Recife, Editorial Universitária/UFPE, 1998

NUNES, Márcia Vidal. *Rádio e Política: do microfone ao palanque – os radialistas políticos em Fortaleza (1982-1996)*. São Paulo, Annablume, 2000

ORTIZ, Miguel Angel et Volpini, Federico. *Diseño de programas em radio*. Barcelona, Paidós, 1995